

## **Paula Rego** **"Faço pessoas que são bichos e bichos que são pessoas"**

JN, 23 de Setembro 2007



Paula Rego diz que Madrid tem a melhor pintura do Mundo. Confessa que sempre sonhou expor ali, ao lado de Velasquez, Goya, Picasso, Miró. Faltam menos de 48 horas para concretizar o sonho. Mesmo no andar de cima de uma das salas onde vai expor, está "Guernica", de Picasso. Tudo a postos para receber a sua exposição retrospectiva de 52 anos de trabalho. "Estou entusiasmadíssima, mas isto põe-me num estado de muita ansiedade", confessa a pintora ao JN.

### **Jornal de Notícias| Esta exposição representa o quê?**

**Paula Rego|** Muito! Representa uma vida, o sonho de uma vida.

### **Como surgiu o convite?**

Partiu do escritor João de Melo, adido cultural da Embaixada de Portugal em Madrid, que lançou o desafio. Proporcionou um encontro com a ex-directora do museu, Ana Martínez de Aguilar, que foi ao meu ateliê em Londres e me convidou a expor. A partir daí, foi uma aflição. Começaram as preocupações e

todo o trabalho que uma exposição desta natureza envolve.

**Como procedeu à selecção dos trabalhos e quais os critérios que adoptou?**

O primeiro passo foi convidar Marco Livingstone para comissário, porque é um excelente profissional. Depois, começámos os dois a trabalhar na selecção que se pautou sempre pelo critério da qualidade e dos temas. Tivemos a preocupação de trazer os principais temas que tenho abordado as questões políticas anteriores ao 25 de Abril, as situações de denúncia e perseguição às mulheres, a questão do aborto, a violência.

**Pode dizer-se que o que de mais significativo produziu está aqui em Madrid?**

Sim, fui aos meus papéis. Localizei as principais obras espalhadas, com incidência para Portugal, Inglaterra e EUA.

**Enfrentou alguma resistência dos actuais proprietários?**

Não. Por parte das instituições, nenhuma a Tate, a Gulbenkian, Serralves todas foram fantásticas; não colocaram nenhum obstáculo. Dois particulares (uma portuguesa e um inglês) é que se recusaram a emprestar as obras - disseram que não suportariam ver as suas casas sem os meus quadros. É claro que uma negativa é sempre uma negativa, mas também pode ser vista ao contrário - ou seja, é porque consideram que essas minhas pinturas são fundamentais e necessitam delas nos seus quotidianos.

**A retrospectiva marca o reencontro com as suas obras. Muitas, já não as via há muitos anos. O que sentiu quando as reencontrou?**

É um sentimento difícil de explicar. À partida foi um choque, mas logo de seguida vem a sensação boa, que me faz recordar os episódios que vivi durante o período em que realizei a obra. Tenho pena de não me reencontrar com todos os trabalhos, mas julgo que seria impossível, pois em Portugal há muita coisa minha que anda perdida.

**Está ansiosa e simultaneamente entusiasmada?**

É mesmo isso. Estou entusiasmadíssima por ver aquilo tudo pendurado e ver o que o público irá dizer. Mas confesso que isto põe-me num estado de muita ansiedade. Desde que cheguei a Madrid, na semana passada, não tive tempo para mais nada. Saio do hotel e encafuo-me aqui, no Rainha Sofia, para acompanhar todos os passos, porque quero estar sempre ao lado desta excelente equipa de montagem. Gosto de Madrid, do Prado e de ir ao El Corte Inglés, mas ainda não fiz nada disso, porque o tempo corre.

**Quais são os pintores que mais a influenciam e que mais admira?**

Goya, Bordalo Pinheiro - era ceramista, mas sempre me atraiu o seu lado

cômico, até grotesco, que tem muita força - e Picasso. Gosto essencialmente do "Minotauro" do Picasso.

**Porquê? Será por essa razão que a metamorfose do homem-bicho é também um dos seus temas frequentes?**

Talvez, mas o "Minotauro" é uma coisa incrível, com muita força, muita garra. O que faço, ou procuro fazer, são bichos que são pessoas e pessoas que são bichos.

**E as mulheres? Porque surgem insistentemente no seu trabalho?**

As mulheres aparecem porque sou mulher e, naturalmente, identifico-me mais com a mulher. O que se passa na vida delas/minha preocupa-me. Quando estou a pintar uma mulher, vem tudo ao de cima. Surge o que a minha experiência me dita, o que ouço, o que vi. É verdade que estou muitos mais à vontade para pintar a mulher.

**As mulheres que retrata são vítimas ou exercem poder?**

São mulheres e isso é o que importa. Apenas as envolvo na tela, nos cenários que idealizo de acordo com a temática que quero pintar. Tento captar a força e a energia que têm nas mais diversas questões.

**Sente que o seu trabalho é reconhecido?**

Sim, hoje sim. A crítica é boa, o público e as instituições aceitam-me. Mas também passei tempos difíceis, sobretudo em Inglaterra. Vi muitas vezes as portas fecharem-se-me. Andei de pasta, com desenhos na mão, e sacudiam-me de um lado para o outro.

# O sonho de Paula em Madrid

Agostinho Santos, Leonel de Castro, em Madrid



É já depois de amanhã que a maior retrospectiva até hoje feita por Paula Rego abre as portas ao público. As grandes salas da ala nova do Museu Rainha Sofia, em Madrid, estão praticamente prontas para receber os 202 trabalhos (entre pinturas, desenhos, gravuras e livros) da autoria de um dos maiores nomes da pintura contemporânea portuguesa.

Pontualidade britânica

A escassos dias da inauguração, o JN percorreu as salas que durante os próximos meses deverão estar repletas de visitantes ávidos de conhecer melhor a obra de Rego. Entre cartões, plásticos, mesas, escadotes e máquinas, foi possível testemunhar a emoção com que a pintora encara a mostra.

Considerada pela própria como a exposição da sua vida, "Paula Rego" (assim se intitula) marca o reencontro da artista com trabalhos que já não via há muitos anos, mas que, segundo confessou, ainda se encontram bem nítidos na sua memória. Basta-lhe um rápido vislumbre para se recordar dos principais motivos que a levaram a concebê-los. É o caso dos trabalhos evocativos "da política salazarenta anterior ao 25 de Abril" ou "da hipocrisia a que estiveram sujeitas milhares de mulheres que praticaram o aborto".

Entretanto, os elementos da equipa de montagem iniciavam a colocação nas paredes das obras a expor. Primeiro, as de grandes dimensões, que chegaram rigorosamente protegidas de múltiplas colecções particulares e oficiais, principalmente de Portugal, Inglaterra e Estados Unidos.

A artista fez jus à pontualidade britânica. Às nove horas em ponto, Paula Rego desceu dos seus aposentos, no hotel onde está instalada em Madrid há uma semana. Escolheu um hotel confortável, sossegado, mesmo em frente ao

museu. Assim, diz, "é só atravessar a rua e estou lá. Do quarto, quase vejo os meus quadros. Olho para eles e pisco-lhes os olhos".

### Corrida contra o tempo

Das 10 da manhã às 19 horas, Paula Rego encontra-se invariavelmente no emblemático museu paulista, lado a lado com o britânico Marco Livingstone, comissário da exposição, e uma vasta equipa de profissionais. "Não quero perder pitada. É uma excelente lição aprender com o perfeccionismo do Marco e o profissionalismo da equipa de montagem. Eles dizem que tem de sair perfeito e eu tento acompanhar minuto a minuto esse ritmo, até à perfeição", confidencia.

O dia que coincidiu com a visita do JN não foi excepção à rotina. Ainda no átrio, onde já se encontrava uma grande lona vermelha com o seu nome inscrito, a artista passou por elementos femininos da segurança, que entusiasticamente a saudaram, momentos antes de acedermos à ala nova do museu, o local preciso da exposição.

Na vasta sala, três homens de bata azul e duas jovens de bata branca cumpriam com rigor a tarefa que lhe estava atribuída colocar, sob o olhar atento de Livingstone, uma grande tela, que acabara de chegar da Tate Gallery, de Londres, confrontando-a com um aparelho sofisticado que indicava o nível correcto de colocação.

A meio da sala seguinte, a artista deteve-se em frente ao majestoso "Metamorfoseando-se segundo Kafka", quadro que revela a transformação de um homem em carocha. "Bem, bem, isto está a compor-se, já vai parecendo uma exposição", gracejou, sem esconder um brilho nos olhos. Mas, no exacto segundo, não tardou a reconhecer que "ainda falta bastante". Percebe-se porquê mesmo ao lado está uma parede vazia, à espera de um quadro que só chega amanhã, véspera da inauguração.

De seguida, somos conduzidos ao trabalho "Avestruzes", um tríptico de 1995 inspirado no célebre filme "Fantasia", de Walt Disney. Paula Rego, de olhos bem arregalados, fixa por instantes a obra. Sorri e atira "Que trabalhos eu passei para que a Lila (a modelo) estivesse quieta naquela posição!".

Com um ar mais sério, ao ver trabalhos como "Convidada de casamento", confidencia que a história lhe foi revelada por uma associação inglesa de apoio às mulheres vítimas de tortura. "Tudo o que está no museu são histórias, algumas inventadas, mas muitas verdadeiras", conclui, sem esconder a emoção.

## A construção do cenário ao pormenor

Uma das grandes artistas realistas do nosso tempo, Paula Rego segue uma linha próxima de Goya, Hogart e Beckmann. Antes de iniciar uma obra, cria o seu próprio cenário. Ou seja, quando pretende narrar determinada história, a artista constrói dentro do seu próprio ateliê o cenário que deseja pintar. Assim tem acontecido ao longo dos anos. Com a ajuda da sua modelo Lila (uma portuguesa de Viseu que trabalha consigo desde os anos 60), Paula Rego coloca tudo a postos antes de iniciar o processo da pintura.

O primeiro passo de um trabalho de Paula Rego é a concepção da ideia. Depois, na maioria dos casos, segue a realização de desenhos que indicam as formas dos corpos. Daí passa - como revela a pintora - para o momento da representação, "até ao mais ínfimo pormenor".

Recorrendo a materiais empregues no teatro, Paula Rego dispõe de um acordo com uma casa londrina, especializada em roupas para espectáculos. "Antigamente comprava, agora alugo aquelas roupas todas e ponho-as na pele da Lila", explica.

Paula Rego não se fica pelo modelo humano. Ela própria cria o ambiente que quer retratar. No interior do ateliê, encena o espaço que pretende transpor para a tela.



### Anjo

Obra preferida da pintora, que simboliza a mulher-anjo, também tem como modelo a portuguesa Lila. Em evidência, o rigor e a elegância do traje e o

brilho da lâmina do punhal. Sobressai nesta obra a força e a garrra com que o "anjo" segura o punhal e simultaneamente, na outra mão, uma esponja. Uma duplicidade de funções óbvia matar e limpar o crime.